

De Davi como rei escolhido a Ciro II como Messias: reflexões sobre uma jornada religiosa

Letícia dos Santos Calheiros¹
Valtair Afonso Miranda²

Resumo: O rei Ciro II foi um monarca do império Persa que favoreceu o fim da era babilônica. O rei persa era estimado e admirado pelo povo israelita e babilônico, muito por conta de sua conduta benevolente para com os povos conquistados. Acontece que a presença de Ciro se deu em um delicado momento da vida dos Israelitas. Eles se encontravam exilados, distantes de sua terra e dispersos de suas tradições religiosas. O reino unificado instaurado por Davi e Salomão se dissolveu por meio de divisão territorial, sucessivas dominações estrangeiras, ausência de templo e centralidade religiosa. Este contexto possivelmente seja um dos mais relevantes fatores no acolhimento de Ciro II no interior das tradições de Israel.

Palavras-chave: Ciro II; Império Persa; antigo Israel; Exílio Babilônico; diáspora judaica.

Abstract: King Cyrus II was a monarch of the Persian empire, who favored the end of the Babylonian era. The Persian king was esteemed and admired by the Israelite and Babylonian people, largely due to his benevolent conduct towards the conquered peoples. It turns out that Cyrus' presence took place at a delicate moment in the lives of the Israelites, because they were exiled, far from their land and dispersed from their religious traditions. The unified kingdom established by David and Solomon dissolved through territorial division, successive foreign domination, absence of a temple and religious centrality. This context is possibly one of the most relevant factors in the acceptance of Cyrus II within the traditions of Israel.

Keywords: Cyrus II, Persian empire, ancient Israel, Babylonian exile, jewish diaspora

Introdução

Este artigo é um recorte histórico relatado na Bíblia hebraica, do início da monarquia israelita até a chegada do rei persa Ciro II, e seu reconhecimento como

¹ Mestranda em Teologia (PUC-Rio). E-mail: leticia.calheiros15@gmail.com

² Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e em História Comparada (UFRJ). E-mail: valtairmiranda@gmail.com.

messias. Os apontamentos históricos visam evidenciar a jornada religiosa de Israel e o contexto social que favorece a boa recepção e reconhecimento do rei estrangeiro como messias em Israel.

O artigo utiliza como metodologia a análise bibliográfica, em confronto com fontes documentais do judaísmo antigo. A proposta do mesmo é apontar com relatos históricos oriundos das escrituras judaicas a jornada religiosa que ilumina mudanças organizacionais de Israel em suas estruturas políticas e sociais, além de mostrar como um cenário caracterizado pela dominação de povos colaborou para que se pudesse reconhecer em um rei estrangeiro glória e honra para este ser considerado messias.

O artigo divide-se em três partes. A primeira conta o início da monarquia israelita, quando ela deixa de ser organizada tribalmente e passa a ser construída como uma monarquia. Israel não esteve sempre fechada às influências de povos estrangeiros, como pode ser um pensamento comum, pelo contrário, o contato com outros povos esteve presente, e nem sempre de maneira negativa. O reino da dinastia davidica cresce unificando os territórios do Sul e Norte, e se torna paulatinamente mais significativo. No entanto, más decisões governamentais tomadas por reis ulteriores enfraqueceram a monarquia e culminaram em sua divisão.

A segunda parte pretende mostrar como o contexto social no qual Israel vivia pôde ser uma grande influência para a boa recepção do rei persa, Ciro II. É importante ressaltar que as características benevolentes de dominação persa também foram fatores relevantes. Aqui os reinos do Sul e Norte já estavam divididos e conseqüentemente enfraquecidos. O reino do norte logo se viu dominado pela assíria, enquanto que o reino do sul seria dominado alguns anos mais tarde. Ciro II surgiu quando Judá estava sob domínio babilônico.

O terceiro e último momento reflete sobre a forma como Isaías 40-55 apontou para a grandeza do rei Ciro. É este texto quem o anuncia como messias, o libertador de Israel.

Reinado de Davi e sua divisão

A partir do momento em que o povo de Israel percebe as dores oriundas de sua formação tribal como povo, sem governo centralizado ou hierarquia política ativa, eles

passam a clamar com afinco pela nomeação de um rei. Sem muitas opções e pressionado pelo povo, o profeta Samuel leva até o trono o primeiro rei de Israel, Saul.³

A atuação do primeiro rei trouxe mudanças significativas para a cultura, políticas nacionais, economia e para a cultura militar de Israel. No entanto, o período do reinado de Saul sugere mais uma fase de transição entre o governo tribal e a monarquia de fato. Sua atuação é caracterizada, em especial, pela administração militar, pois essa era uma das carências do período em que foi convocado. Cabe então a Davi tornar Israel realmente um reino forte (FOHRER, 1982 p.149).⁴

É com o reinado sob o comando de Davi que as proporções se tornam bem mais abrangentes, rompendo de vez com o sistema do antigo Israel tribal. Davi primeiramente se torna rei em Judá, logo após a morte de Saul, e sete anos mais tarde, é aclamado rei também no Norte, surgindo dessa forma, a união dos reinos.⁵ Inicia-se então uma nova era com o novo rei, onde as expansões de terra se deram tão rapidamente que produziram a necessidade da criação de uma nova burocracia estatal. Dessas novas fundações o que se refletia na sociedade agora era a ampliação progressiva de uma estratificação social, pondo fim às estruturas igualitárias de formação tribal.⁶

Por volta dos anos 1000 a.C., Davi conquista a cidade de Jerusalém, sendo esta ação estratégica para instituir seu domínio real por conta de sua neutralidade como território. Jerusalém não pertencia nem a Israel, nem a Judá. Batalhando por ela com seu próprio exército, o rei passa a chamá-la de Cidade de Davi.⁷

Após a conquista de Jerusalém, Davi toma a arca da aliança e a transfere para a cidade real. Esta simbolizava primeiramente a garantia do auxílio divino e, mais tarde, passa a ser considerada a proteção de Deus e também o símbolo da eleição de Davi.⁸ Segundo Fohrer, “sua associação com lahweh implicava que ele, o Deus distante, estava unido à residência do rei; isto colocou a base para o seu ser, considerado a divindade do Estado Israelita”.

³ FLOR, Gerson Luis. A fé em Israel a partir da monarquia. São Leopoldo: IEPG, 2000. (Série Ensaios e Monografias, 24) P. 8

⁴ FOHRER, Georg. História da religião de Israel. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. P. 149

⁵ FLOR, Gerson Luis. A fé em Israel a partir da monarquia. (2000) P. 9

⁶ Idem. p.9

⁷ ARMSTRONG, Karen. Jerusalém: Uma cidade, três religiões. Tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P. 66

⁸ FOHRER, Georg. História da religião de Israel. (1982) p. 150

Na tomada da cidade de Jerusalém por Davi e em sua administração do reinado, a presença dos Jebuseus⁹ era constante. Suas ideias religiosas foram incorporadas ao culto de Javé e há grande probabilidade de que o rei tenha mantido os cananeus no auxílio da administração e manutenção de sua cidade, tendo em vista a pouca experiência da parte de Israel em administração de cidade-estado.¹⁰ Para Armstrong, “na *‘Ir David*, houve, portanto, uma interação criativa de tradições jebuseias e israelitas... Sua conduta indica que os israelitas ainda não consideravam um dever sagrado distanciar-se da população local”.

Fica aberta então a porta que permite que as ideias cananeias penetrem nas estruturas israelitas, e em muitos casos, essas ideias foram adotadas na política religiosa oficial do Estado durante a monarquia. Conforme Fohrer discorre, há uma tendência que ocorre da época de Davi em diante que segue em direção ao sincretismo religioso, fundindo o javismo com os cultos cananeus. Esse fenômeno ocorre, pois, israelitas e cananeus deveriam ser tratados como iguais, para que não houvesse tensões entre os povos. Ao longo das épocas, houve tentativas de criar uma base ideológica comum aos habitantes de diferente etnicidade. Foi através da adoção dos conceitos cananeus que a expansão do javismo foi possível, juntamente com a elevação da importância da cidade, reconhecida como residência oficial da dinastia davídica e tendo a presença de lahweh transferida para lá.¹¹

Por volta de 970 a.C. inicia-se o reinado de Salomão, elevando o status de Jerusalém e duplicando seu tamanho.¹² Tratando-se de legitimação oficial, o que acontece com Salomão é diferente do ocorrido com os reis anteriores, cujo reconhecimento era advindo da aclamação dos povos. Com Salomão, sua legitimação deriva do próprio lahweh, tomando o lugar do reconhecimento político através de um tratado entre o rei e o povo. Foi com ele também que a construção do templo se iniciou, juntamente com o novo palácio do rei, tomando por influência o modelo egípcio de templo-residência.¹³ Essa nova estrutura aumentou a importância da cidade para os anos seguintes, tendo em vista que na mesma cidade se encontravam templo e palácio. Isso significaria que o templo era propriedade da dinastia de Davi e um santuário do

⁹ Tribo Cananéia que habitava em Jerusalém antes da tomada do rei Davi.

¹⁰ ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: Uma cidade, três religiões*. Tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P. 65

¹¹ FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. (1982) p. 152

¹² ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: Uma cidade, três religiões*. (2011) p.74

¹³ FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. (1982) p. 153

próprio Estado, sendo lá o local onde era celebrado o culto oficial. Iahweh torna-se, então, a divindade oficial do território do novo governo e de seus próximos sucessores.¹⁴

Quando o assunto se torna relações diplomáticas, Salomão também é grande referência. Suas características de tolerância religiosa e cultural, principalmente para com os cananeus, são estratégias politicamente motivadas e que, por consequência, criaram substanciais trocas culturais e intelectuais.¹⁵ Para Armstrong, porém, a avaliação do seu governo pela historiografia bíblica deuteronomista foi negativa e definida como insatisfatória em sua fidelidade com Iahweh (1Reis 11). O rei se tornou idólatra, pois adorou deuses estrangeiros e para eles construiu templos e altares, por influência direta de suas diversas esposas. É importante ressaltar que na época de Salomão a crença de que Iahweh era o único deus e todas as outras divindades eram falsas ainda não estava fincada na religiosidade israelita.¹⁶

O início do declínio do reinado de Salomão tem origem nas suas extravagâncias. Os recursos econômicos caminhavam em direção ao esgotamento. O rei teve de ceder vinte cidades a Tiro, por não conseguir saldar suas dívidas provenientes da aquisição de materiais para as construções; seu exército, apesar de poderoso, não conseguiu manter as terras herdadas por Davi. Outra questão significativa era a gritante insatisfação interna de Israel. Os trabalhos forçados que objetivavam a edificação das construções salomônicas tiraram dos campos e das cidades as pessoas que realmente geravam a riqueza do país. Para Armstrong, era nítido o favorecimento de Judá por parte de Davi e Salomão, tratando Israel como uma terra conquistada, obrigada a sustentar a corte e a fornecer trabalhadores para a corveia.¹⁷

A indignação de Israel resultou em uma rebelião por parte de Jeroboão, que acabou por governar dez tribos do reino de Israel, após a morte de Salomão em aproximadamente 930 a.C. Quem assume o trono agora é Roboão, filho de Salomão. É com o novo rei que a divisão do reino é estabelecida. O estopim deste episódio se dá com a rejeição da solicitação por parte dos anciãos de Israel para que houvesse uma diminuição de impostos e trabalhos forçados estabelecidos no governo anterior. Roboão se recusa a vivenciar um padrão mais justo para sua corte, e segue os

¹⁴ Idem p. 154

¹⁵ Idem p.155

¹⁶ ARMSTRONG, Karen. Jerusalém: Uma cidade, três religiões. (2011) p.82

¹⁷ ARMSTRONG, Karen. Jerusalém: Uma cidade, três religiões. (2011) p.83

conselhos de seus jovens auxiliares, decidido a estabelecer cargas de trabalho ainda mais pesadas para os habitantes do Norte. A partir de então, os anciãos se declararam independentes do Reino Unido, e os dois reinos seguiram caminhos distintos.¹⁸

De acordo com Fohrer (1982), logo após a divisão do reino, o sincretismo religioso se tornou cada vez mais enraizado e crescente tanto em Judá quanto em Israel. No Reino do Sul, pontualmente, é possível observar algumas tentativas, como a de Asa e de Josafá, de purificar a religião de Iahweh, ao combater a prática da prostituição sagrada. Também nas regiões rurais de Judá há um certo cuidado em não permitir que na fé israelita penetrassem elementos que estavam em desacordo com a natureza básica do javismo. Já no Reino do Norte, seu primeiro rei Jeroboão I instituiu dois santuários de Estado, um em Betel e outro em Dã. Há indícios de influências cananeias na região, como a utilização de um bezerro de ouro como representação da divindade, e esses indícios aumentam ainda mais com o reinado de Omri, pois sua política objetivou igualar direitos dos israelitas e cananeus. O autor afirma que essa atitude favoreceu e estimulou o crescimento da cultura cananéia no Norte, que até então não tinha tanto espaço na região.¹⁹

De acordo com Armstrong, entre os séculos IX e VIII a.C. erguia-se em direção de Israel um novo perigo. Era o império assírio, forte e expansivo, dirigindo-se em direção ao oeste, focando justamente no litoral mediterrâneo. Israel e Damasco, pretendendo impedir o avanço das forças assírias, juntam exércitos para batalhar contra seu inimigo em comum. Em 863 a.C., a nação de Israel acaba sendo derrotada, na batalha de Carcar, e se torna reino vassalo dos assírios.²⁰ Em 732 a.C., a comunidade populacional do Reino do Norte é deportada, iniciando nesse momento os processos exílicos para a assíria. Em cerca de 722 a.C., um número muito elevado da população já habitava nas terras dos seus dominadores, e sucedeu-se então o fim do Reino de Israel.²¹

Quanto ao destino do Reino de Judá, é possível datar o ano da dominação babilônica sobre o reino para o ano de 609. Judá era governada por Joaquin. Seu pai havia morrido durante a aproximação do exército babilônico. Joaquin é deportado para Babilônia, e juntamente com ele parte da corte e elite de Judá. Permanece, no entanto,

¹⁸ Idem p.85

¹⁹ FOHRER, Georg. História da religião de Israel. (1982) p. 153

²⁰ ARMSTRONG, Karen. Jerusalém: Uma cidade, três religiões. (2011) p.93

²¹ KESSLER, Rainer. História social do antigo Israel; tradução Haroldo Reimer - São Paulo: Paulinas, 2009. P. 153

Sedecias, tio de Joaquin, como rei em Jerusalém. Pouco tempo mais tarde, o rei vassalo se rebela contra a Babilônia e cria um levante, gerando um retorno do exército babilônico às terras de Jerusalém, resultando na destruição da cidade e de seu templo, e mais uma vez os membros da corte e elite são deportados²².

A chegada do rei persa Ciro, o grande

Em 539 a.C. sucedeu-se o fim da era babilônica. O rei persa Ciro II derrotou os babilônios em Opis, juntamente ao rio Tigre. Ciro II, segundo Armstrong, vinha conquistando o interesse dos cidadãos babilônios, por estar construindo um vasto império, que já em 541 a.C. cercava a região da Babilônia. Os babilônicos também achavam que o rei anterior, Nabônides, estaria negligenciando o culto, enquanto Ciro prometia restaurá-lo. De igual forma, o novo monarca despertou o interesse dos israelitas, e em especial do autor de Isaías 40-55 (denominado de dêutero-isaias pela crítica bíblica). Ele saúda Ciro como o Messias, ungido por Javé²³.

Os persas tinham um sistema de tratamento dos povos conquistados diferente de outros dominadores. Eles tratavam estes povos subjugados com relativa tolerância, permitindo que mantivessem seus cultos e preservassem seu próprio estilo de vida e cultura.²⁴ Essa autonomia visava gerar, por parte dos persas, confiabilidade e lealdade da parte dos povos dominados para com o novo reino.²⁵ Isso gerou especialmente em Israel diversas consequências. Metzger aponta que elementos da cultura persa influenciou o culto a Javé no santuário de Jerusalém, e a vida religiosa dos judeus da diáspora babilônica. Em 538 a.C., o rei Ciro lança um edito que ordena a reconstrução do templo de Jerusalém, assim como a devolução dos itens do templo, tomados anteriormente por Nabucodonosor²⁶.

De acordo com Kessler, dentro da história dos eventos da época da dominação persa, há dois pontos significativos para a história de Israel. O primeiro ponto é composto por três características: O retorno dos grupos deportados; a construção do segundo templo nos anos de 520-515; a constituição de uma nova forma de vida. Já o

²² Idem p. 154-155

²³ ARMSTRONG, Karen. Jerusalém: Uma cidade, três religiões. (2011) p.126

²⁴ METZGER, Martin. História de Israel; tradução Nelson Kirst e Silvio Schneider - Editora Sinodal, 1972. p.132

²⁵ KESSLER, Rainer. História social do antigo Israel. (2009) p.168

²⁶ METZGER, Martin. História de Israel. (1972) p.133

segundo ponto são as missões de Neemias, dentro do período entre 445 a 433, e de Esdras, por volta de 398.²⁷

Na prática, entretanto, mesmo com o decreto Persa, poucos judeus decidiram retornar inicialmente. Depois de tanto tempo na região, eles já haviam se adaptado. Retornar seria o mesmo que começar tudo de novo com suas famílias e grupos. Alguns personagens que viveram naquele período foram honrados e bem tratados, como é o caso de Ezequiel, que vivia em sua própria residência e tinha a liberdade de discutir com os anciãos sobre assuntos religiosos.²⁸ Nos termos de Schultz, “as evidências históricas parecem não confirmar a ideia de que os cativos judeus foram maltratados fisicamente ou foram cerceados em suas atividades cívicas e religiosas durante os dias da supremacia babilônica”.²⁹

O contexto que sucede a boa recepção do monarca estrangeiro

Antes de sua queda, o reino de Israel possuía condições políticas e econômicas bem desenvolvidas estruturalmente quando comparadas com o Reino do Sul. Isso acabou fazendo com que os olhos dos poderes estrangeiros, no caso a Assíria, logo se voltassem para ele, resultando em conquista e vassalagem.

Após a morte de Teglath-Falasar III, rei da Assíria, o rei de Israel, Oseias, vê-se com condições para instaurar uma rebelião contra seu dominador. No entanto, a tentativa resultou em fracasso, e em 722 a.C. a cidade de Samaria é colocada abaixo. O reino de Israel, então totalmente incorporado ao sistema de províncias assírias, tem nova estrutura administrativa. Parte dos habitantes de Samaria são deportados, e a parte que permanece na terra recebe a companhia de imigrantes de diferentes povos.³⁰

O impacto desse evento ecoa justamente em Judá, pois os refugiados de Israel encontraram nessas terras o refúgio que precisavam. Como consequência do crescimento exponencial na região de Judá, novas organizações políticas e sociais tiveram de ser instauradas. O que uma vez foi uma economia baseada no sistema de

²⁷ KESSLER, Rainer. História social do antigo Israel. (2009) p.169

²⁸ SCHULTZ, Samuel J, A história de Israel no Antigo Testamento; tradução João Marques Bentes - São Paulo, SP - Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1977. P. 238.

²⁹ SCHULTZ, Samuel J, A história de Israel no Antigo Testamento. (1977) p. 239

³⁰ RÖMER, Thomas. A origem de Javé, o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus Editora, 2016. p.171-172

clãs, agora se vê como um estado com poderes centralizados. A cidade passa a se desenvolver e a se profissionalizar progressivamente neste período do século VIII.³¹

A expressão dessa nova fase de Jerusalém, na qual já ecoava um sentimento de verdadeiro povo de Yhwh, foi marcada pelo governo de Ezequias, muito bem avaliado pelos seus contemporâneos. Essa apreciação é pautada na política anti-assíria implantada pelo rei de Judá e também porque foi com ele que Jerusalém permanece intacta, não tomada pelos assírios. Assim, Jerusalém se torna a única em todo o território de Judá que não foi invadida. Quando seu filho, Manassés, se torna rei, ele governa a cidade por bastante tempo, apesar de poucas informações sobre seu governo terem sido preservadas, em função da avaliação final negativa, que o reputa como um déspota. Logo após Manassés, vem Amon. Tampouco há maiores informações sobre seu reinado. Sabemos, entretanto, que chegou rapidamente ao fim em função de um golpe de estado. Sobe então ao trono Josias. É provavelmente durante o governo deste rei que o monoteísmo restrito de Yhwh se consolidará.³²

Quase que juntamente ao declínio do império assírio, o Rei Josias sobe ao trono. Uma era de otimismo se instaura. Apesar disso, o reino de Judá já caminhava para sua dominação debaixo do poderio babilônico. Segundo Schultz, Josias sobe ao trono logo após a morte de seu pai, Amon, com apenas oito anos de idade. As atividades do rei ao longo de sua vida, segundo registros bíblicos, se limitam quase que totalmente à uma reforma religiosa, que foi um marco na história do reino.

O império assírio encontrou seu declínio por volta de 630 a.C., oferecendo a Judá, que atravessou crises governamentais, a oportunidade de ampliar sua influência sobre o reino do Norte, fortalecer sua autonomia e reviver suas esperanças nacionalistas. Schultz nos descreve que o cenário em que o Josias esbarrava ainda criança era de idolatria por todo reino, e quando chega a fase adulta, ele reage às condições pecaminosas dos seus dias. No décimo oitavo ano de seu reinado (622 a.C.), quando o templo estava sendo reparado, é encontrado novamente o livro da lei, evento que promoverá uma verdadeira inflexão na história religiosa de Israel. A partir do momento em que Hilquias, o sumo sacerdote, encontra o livro e a leitura é feita ao rei através de Safã, eles são incumbidos de encontrar pessoas que lhes dê conselhos

³¹ Idem 175-176

³² Idem 182-185

sobre o que fazer. A profetisa Hulda, então, lhes transmite uma mensagem clara de que as maldições oriundas da idolatria de Israel recairiam sobre este povo³³.

A reforma de Josias foi um dos momentos mais importantes para a evolução do culto de Yhwh. Deste momento em diante, Javé se tornará deus unitário e Jerusalém será o único local legítimo em que sacrifícios poderão ser realizados.³⁴

Dramaticamente, entretanto, a reforma foi abreviada pela morte de Josias. Neco, rei do Egito, pôs suas tropas em auxílio ao exército assírio às margens do Rio Eufrates, por volta de 609 a.C. O rei de Judá revolveu se envolver na guerra e marchou contra eles, sendo gravemente ferido, transportado para Jerusalém por seus servos, onde acabou morrendo. Segundo Schultz, neste momento as esperanças nacionais e religiosas de Judá foram colapsadas, apesar da monarquia autônoma ainda sobreviver por mais algum tempo.

Sobe ao trono Joacaz, novo rei em Jerusalém,³⁵ mas reina por apenas três meses e logo é destituído pelo rei egípcio Neco, sendo trocado por seu irmão Joaquim. Este se torna vassalo de Nabucodonosor II e permanece como rei de Judá. No entanto, ele procura apoio entre os egípcios. Essa atitude resultou no cerco de Jerusalém por parte do rei da Babilônia, e na morte do rei vassalo. Embora Joaquim, filho do rei Joaquim, tenha se submetido aos dominadores em 597 a.C., evitando assim a destruição de Jerusalém, os babilônios deportam grande número de cidadãos, majoritariamente de Jerusalém. O rei então é exilado, juntamente com a elite da corte, e em seu lugar em Jerusalém é instalado Sedecias, tio do rei. Não se sabe ao certo se ele foi considerado governador ou monarca de fato, no entanto, como consta no livro de Ezequias (Ez 1.2), Joaquim foi o último rei legítimo³⁶.

Sedecias, durante seu reinado, toma parte em uma revolta encorajada pelo rei egípcio Psamético II, e decide então se rebelar contra os babilônios. No entanto, essa revolta resultou na destruição do templo de Jerusalém, da cidade e suas muralhas. Em 587 a.C., a cidade de Jerusalém e outras cidades judaicas foram conquistadas pela Babilônia. Embora os acontecimentos de 597/587 a.C. tenham produzido uma crise de identidade coletiva em Judá, a destruição afetou mais a classe exilada do que os pobres

³³ Idem, p. 210-211.

³⁴ Idem, p. 197

³⁵ SCHULTZ, Samuel J, A história de Israel no Antigo Testamento. (1977) p. 213

³⁶ RÖMER, Thomas. A origem de Javé, o Deus de Israel e seu nome. (2016). p.205

campesinos, que permaneceram em suas terras. Isso ocorre porque as elites foram destituídas de suas fontes de poder³⁷.

Outro fator importante é que agora, neste cenário, os pilares que suportavam Judá e suas ideologias e políticas de estado foram destruídos. O templo foi destruído, o rei foi deportado, e a elite se dispersou.³⁸

Isaías 40-55 e a promoção da glória de um rei estrangeiro

De acordo com os autores Venâncio e Vieira, o império babilônico já estava instável desde Nabucodonosor. As diversas sucessões de reis e discórdias religiosas foram o pivô do enfraquecimento do reino, que já se viam indefesos perante a dominação persa.³⁹

Os judeus exilados na babilônia, embora tenham vivido em comunidade nos anos iniciais e preservado suas práticas religiosas, à medida que os anos se passaram, encontraram cada vez mais desafios na preservação das mesmas, e em se manter firmes na esperança de retorno para suas terras. De acordo com Venâncio e Vieira:

Os judeus nascidos no exílio pouco sabiam acerca de Javé. Provavelmente, também pouco se interessavam por um deus derrotado, cujo culto resumia-se a reuniões insignificantes. Também não sabiam se valeria a pena sair da Babilônia, ir para uma terra desconhecida e arrasada (*apud* ZABATIERO, 1988, p.39).

Para além do distanciamento religioso motivado pelo exílio babilônico, os judeus ainda não viam YHWH como Deus dos oprimidos, pois em sua tradição ele era marcado como um Deus guerreiro, poderoso e vingativo. Durante o exílio babilônico, entretanto, surgiram figuras proféticas significativas para reafirmar as esperanças do povo exilado. Ezequiel é um deles. Em outros momentos, é possível apontar para tradições redescobertas e valorizadas, como as passagens que posteriormente seriam colecionadas nos capítulos 40-55 de Isaías. Este texto anuncia a consolação e libertação deste povo, e “cujo núcleo é constituído por um texto de propaganda

³⁷ Idem. p, 206-208

³⁸ Idem. p. 208

³⁹ Venâncio, Mariana Aparecida; Vieira, Geraldo Dondici. O alvorecer de uma nova esperança: A ascensão do império persa e a libertação de Israel. (2011) p. 138

celebrando a chegada do rei persa, Ciro II, à Babilônia, em 530 antes de nossa era” (RÖMER, 2016, p.213).

Segundo Venâncio e Vieira, este texto é muito interessante por promover a glória de um rei estrangeiro e ainda tratá-lo como libertador de Israel. Ciro, rei da Pérsia, é o único monarca estrangeiro a receber o título de *meshiḥa*, que além de designar reis e sacerdotes, também indica Messias, ou seja, um libertador universal e escatológico.⁴⁰

Conforme G. Von Rad, esta profecia traz novo sentido às tradições, quando a promessa que uma vez foi direcionada ao Rei Davi, passa a ser referida agora a todo o Israel. É, portanto, uma promessa para o povo. Isso significa que essa democratização muda o conteúdo específico da tradição. Ainda segundo este autor alemão, a tradição da criação do universo por Javé não havia sido ainda trabalhada por nenhum profeta antigo. Para o autor bíblico, a criação foi um dos primeiros milagres históricos de Javé, demonstrando também sua vontade de salvação.⁴¹ Continua Von Rad: “Javé é o criador de Israel no sentido de que, quanto a todos os elementos criados que o constituem, chamou esse povo à existência, mas naturalmente, sobretudo, porque ele “escolheu” a Israel e o “resgatou””.

Isaías 40-55 reinterpretou e fez novas conexões das tradições. O novo evento salvífico faz a ponte entre o êxodo vivido por Israel no Egito e o novo êxodo que Israel está prestes a viver com a chegada de Ciro, que aliás, foi direcionado por YHWH para fazer voltar os prisioneiros para sua pátria. No entanto, esse novo êxodo traz algo novo. É nesse momento que o profeta trabalha o afastamento dos seus contemporâneos dos acontecimentos do primeiro êxodo, no qual sua fé estava apoiada.⁴²

Thomas Römer diz o seguinte:

A exortação para não mais se lembrar dos primeiros acontecimentos pode ser lida como uma crítica do discurso deuteronomista, obcecado pela destruição de Jerusalém e o exílio. Para o autor dessa passagem, essa página foi virada, e Yhwh vai manifestar seu poder instaurando um “Novo Êxodo” e fazer sair (via o rei Ciro) os exilados da Babilônia (RÖMER, 2016 p. 214).

⁴⁰Venâncio, Mariana Aparecida; Vieira, Geraldo Dondici. O alvorecer de uma nova esperança: A ascensão do império persa e a libertação de Israel. (2011) p. 141.

⁴¹ Rad, Gerhard von. Teologia do Antigo Testamento; tradução Francisco Catão. - 2º ed. - São Paulo: ASTE/TARGUMIM 2006. p. 662

⁴² Idem p. 662

O período entre o fim do exílio com a chegada de Ciro até o advento de Jesus Cristo é chamado de Período do Segundo Templo⁴³ por alguns autores. Nele é possível discernir muito da consolidação da religião judaica. Neste período, as tradições religiosas refletem sobre a memória e a tradição do povo judeu. A partir dessas novas representações culturais, foram organizados os conjuntos literários que posteriormente dariam origem à Bíblia Hebraica. Foi neste período também o contato cultural entre as religiões dos persas e dos judeus, promovendo o desenvolvimento de conceitos teológicos no campo da demonologia e escatologia⁴⁴.

Considerações finais

Neste artigo fizemos uma leitura do recorte histórico que partiu do início da monarquia israelita até a chegada do rei persa, Ciro II. Esta trajetória que parte do rei Davi vai mostrar a construção de uma monarquia e estruturação de poder, que culmina na união de territórios no Norte e Sul de Canaã. O declínio do reinado unificado não demora muito para acontecer, tendo em vista más decisões diplomáticas tomadas por monarcas posteriores. O enfraquecimento do reino promove sua divisão, com o surgimento dos reinos do Norte e Sul, cada lado com seu respectivo monarca. Observamos o desenvolvimento social, governamental e religioso que ambas as partes obtiveram, em função do maior acesso às fontes.

Não demorou muito para que o território Norte fosse invadido e subjugado pelas forças assírias, e décadas mais tarde era a vez de Judá ser dominada pelo povo babilônico. Alguns anos durante o período de dominação, Israel enxergou na figura do rei estrangeiro um libertador para a sua nação, designado como messias, um ungido, escolhido por Iahweh. Podemos constatar que as características benevolentes do rei persa foram elementos que favoreceram sua boa recepção, não apenas entre os israelitas, mas também entre o povo babilônico. Não é exato afirmar que todos os israelitas que se encontravam exilados e subjugados pelo poderio babilônico viviam em condições prejudiciais, tendo em vista que quando decretado o retorno para a Palestina pelo rei Ciro, poucos foram os exilados que inicialmente decidiram voltar.

⁴³ Soares, Dionísio Oliveira. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. Revista Theos - Revista de reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 6ª edição, V.5 - Nº2 - Dezembro de 2009. p. 6

⁴⁴ Venâncio, Mariana Aparecida; Vieira, Geraldo Dondici. O alvorecer de uma nova esperança: A ascensão do império persa e a libertação de Israel. (2011) p. 146.

Não é preciso criar vínculos messiânicos entre Ciro e Jesus, no Novo Testamento, mas não deixa de ser relevante do ponto de vista da história da religião de Israel a relação entre um monarca estrangeiro e a perspectiva de libertação religiosa subjacente ao termo “messias”. Uma religião que se tornará cada vez mais exclusivista tem em sua história, pelo menos em um curto recorte, o reconhecimento de que Javé pode usar quem ele quiser para fazer sua vontade e realizar seus planos, independente de etnia, sangue ou crença. Refletir sobre este fenômeno pode ser útil para evitar intransigências e violências entre grupos e perspectivas religiosas tão comuns na atualidade.

Referências

FLOR, Gerson Luis. A fé em Israel a partir da monarquia. São Leopoldo: IEPG, 2000. (Série Ensaios e Monografias, 24)

FOHRER, Georg. História da religião de Israel. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

ARMSTRONG, Karen. Jerusalém: Uma cidade, três religiões. Tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KESSLER, Rainer. História social do antigo Israel; tradução Haroldo Reimer - São Paulo: Paulinas, 2009.

METZGER, Martin. História de Israel; tradução Nelson Kirst e Silvio Schneider - Editora Sinodal, 1972.

SCHULTZ, Samuel J, A história de Israel no Antigo Testamento; tradução João Marques Bentes - São Paulo, SP - Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1977.

RÖMER, Thomas. A origem de Javé, o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus Editora, 2016.

Venâncio, Mariana Aparecida; Vieira, Geraldo Dondici. O alvorecer de uma nova esperança: A ascensão do império persa e a libertação de Israel. (2011)

Rad, Gerhard von. Teologia do Antigo Testamento; tradução Francisco Catão. - 2º ed. - São Paulo: ASTE/TARGUMIM 2006

|

Soares, Dionísio Oliveira. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. Revista Theos - Revista de reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 6ª edição, V.5 - Nº2 - dezembro de 2009